

Connie Willis

**INTERFERÊNCIAS
INTERFERÊNCIAS**

Tradução
Viviane Diniz Lopes



Copyright © 2016 by Connie Willis
Publicado mediante acordo da autora com The Lotts Agency, Ltd.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Crosstalk

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Ilustração de capa
© Anna Maeda

Preparação
Rachel Rimas

Revisão
Nana Rodrigues
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Willis, Connie
Interferências / Connie Willis ; tradução Viviane
Diniz Lopes. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Suma, 2018.

Título original: Crosstalk.
ISBN 978-85-5651-057-0

1. Ficção científica norte-americana I. Título.

17-11115

CDD-813.0876

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editorasuma

instagram.com/editorasuma

twitter.com/Suma_BR

Para a inimitável — e insubstituível — Mary Stewart

Na Irlanda, o inevitável nunca acontece, e o inesperado ocorre constantemente.

John Pentland Mahaffy

*Em todo grupo há certas pessoas que parecem exatamente iguais às
outras, mas ainda assim carregam mensagens surpreendentes.*

Antoine de St. Exupéry, *Voo noturno*

Ouçam.

Ghost Town

AGRADECIMENTOS

Muito, muito, muito obrigada a todos que me ajudaram com este livro, mas especialmente a:

minha filha Cordelia, que me deu uma ajuda inestimável com o enredo,
minha amiga Melinda Snodgrass, que sempre me encorajou e me deu apoio,
e ao público que assistiu à leitura que fiz em Cosine e sugeriu este título.

INTERFERÊNCIA

1. Ato ou efeito de interferir.
2. *Rubrica: física*: fenômeno que consiste na interação de movimentos ondulatórios com as mesmas frequência e amplitude e que mantêm entre si uma determinada diferença de fase, de tal modo que as oscilações de cada um deles se adicionam, formando uma onda resultante.
3. *Rubrica: telecomunicações*: qualquer energia não desejada que afete a recepção de sinais desejados; intromissão.
4. *Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: telecomunicações*: distorção produzida na recepção destes sinais.

UM

Não tenha eu restrições ao casamento de almas sinceras.

William Shakespeare, “Soneto 116”

Quando Briddey parou no estacionamento da Commspan, havia quarenta e duas mensagens de texto no seu celular. A primeira era de Suki Parker — obviamente —, e as próximas quatro, de Jill Quincy, todas alguma variação de: “Estou louca para saber o que aconteceu”. Suki disse: “Fiquei sabendo que Trent Worth levou você ao Iridium!???”.

É claro que ficou sabendo, pensou Briddey. Suki era a fofqueira oficial da Commspan, o que significava que a essa altura toda a empresa sabia também. O bom é que a Commspan não tinha uma política de não envolvimento entre funcionários. Ela e Trent não conseguiriam manter o romance em segredo, mas Briddey queria ter tido pelo menos a chance de contar à família antes. *Se é que já não sabem*.

Ela deu uma olhada em suas outras mensagens. Havia cinco de sua irmã Kathleen, oito de sua irmã Mary Clare, e nove da tia Oona, lembrando da leitura de poesia gaélica das Filhas da Irlanda, sábado à noite.

Eu nunca deveria ter dado um smartphone a ela, pensou Briddey. Nunca pensou que sua tia-avó aprenderia a usá-lo — ela não conseguia nem programar a tv para gravar. Ou acertar o relógio. Mas Briddey não contava com o desejo de tia Oona de importuná-la constantemente com aquela história de Filhas da Irlanda. Ela pedira a Maeve para ensiná-la a mandar mensagens, e agora umas vintes vezes por dia chegavam recados da tia sobre isso.

Briddey leu rapidamente o restante das mensagens, mas nenhuma delas começava com “Ai, meu Deus! Não acredito que você está mesmo pensando em fazer isso!”.

Que bom. Isso significava que ainda tinha tempo para pensar no que iria dizer — embora não muito, dada a velocidade da comunicação atualmente.

Rolou rapidamente a tela para ver se havia alguma mensagem de Trent. Havia. E só dizia: “Te amo. Me ligue assim que der”. Ela queria muito ligar, mas quanto mais tempo passasse ali no estacionamento, maior seria a chance de Jill

— ou pior, Suki — aparecer e começar a interrogá-la, e chegara mais cedo ao trabalho exatamente para evitar isso. Teria que esperar até estar na segurança de seu escritório para ligar para Trent.

Ela andou rapidamente em direção à porta principal, dando uma olhada nos outros carros para ver quem mais estava ali. Não viu o Porsche de Trent. Nem o carro da assistente dela, Charla, nem o de Suki, o que era bom, mas o Prius de Jill estava lá, estacionado ao lado do Honda antigo de C. B. Schwartz.

O carro dele estava sempre ali — Briddey desconfiava de que ele morava no laboratório, dormindo no sofá velho que parecia ter achado na rua. Mas Jill normalmente chegava tarde, e Briddey não estranharia se ela tivesse chegado cedo só para sondá-la. Provavelmente estava esperando no saguão. *Melhor ir pela entrada lateral*, pensou Briddey, mudando de direção, *e torcer para que ninguém me veja no caminho até lá*.

Ninguém a viu, e não havia ninguém no elevador ou no quarto andar. *Que bom*, pensou Briddey, andando depressa pelo corredor. Como Charla ainda não havia chegado, poderia ir direto para o escritório, fechar a porta e pensar em alguma forma de contar isso à sua família antes que comessem a bombardeá-la com ligações do tipo: “Por que você não respondeu nenhuma das minhas mensagens? O que houve?”.

Principalmente tia Oona, que sempre concluía que algo terrível tinha acontecido e começava a ligar para todos os hospitais da cidade. *E desta vez ela vai ter certeza de que suas premonições estavam certas*, pensou Briddey enquanto entrava no corredor que levava ao seu escritório.

— Briddey! — chamou Jill Quincy do final do corredor.

Eu estava tão perto, pensou Briddey, calculando se conseguiria chegar ao escritório antes de Jill alcançá-la, mas a mulher já corria em sua direção, dizendo:

— Ah, finalmente! Mande mensagens a manhã inteira! Nem vi você entrar.

Jill alcançou Briddey.

— Eu estava no lobby — continuou ela sem fôlego —, mas não vi você chegar. Ouvi falar que você e Trent Worth foram jantar no Iridium ontem à noite. Me conta o que aconteceu.

Não posso dizer, pensou Briddey. *Não antes de contar para a minha família*. Mas também não podia se recusar a falar, ou ela também espalharia isso por todo o prédio em segundos.

— Entra aqui — disse Briddey, e puxou Jill para a sala de xerox para que ninguém as ouvisse.

— E aí? — disse Jill assim que Briddey fechou a porta. — Ele a pediu em casamento, não foi? Ai, meu Deus, eu sabia! Você é tão sortuda! Sabe quantas mulheres fariam *de tudo* para ficarem noivas de Trent Worth? E você conseguiu agarrá-lo! Depois de míseras seis semanas!

— Eu não o “agarrei” — disse Briddey —, e ele não me pediu em casamento. — Mas Jill não estava prestando atenção.

— Deixe-me ver o seu anel! — gritou ela. — Aposto que é lindo! — Então pegou a mão de Briddey e, quando finalmente se deu conta de que não tinha nada ali, perguntou: — Cadê?

— Nós não ficamos noivos — disse Briddey.

— Como assim, vocês não estão noivos? Então por que ele a levou para o Iridium? Em plena quinta-feira? Ai, meu Deus! Ele pediu para você fazer um EED, não foi? Isso é ainda *melhor* do que ficar noiva! — Ela abraçou Briddey. — Estou *tão* feliz por você! Mal posso esperar para contar para todo mundo! — E seguiu em direção à porta.

— Não, não faça isso! — pediu Briddey, segurando seu braço. — Por favor!

— Por que não? — perguntou Jill, estreitando os olhos, desconfiada. — Não me diga que você recusou!

— Não, é claro que não — disse Briddey. — É só que...

— Só que *o quê*? Ele é o cara mais cobiçado da Commspan! *E* ele deve amar você, ou não teria pedido para fazer um EED! E você obviamente o ama, ou não teria aceitado. Então qual é o problema?

Ela lançou a Briddey um olhar penetrante.

— Eu sei o que é. Você está decepcionada porque ele não pediu para fazer o EED e em casamento, não é?

E agora isso também se espalharia por toda a Commspan.

— Não, não mesmo — disse Briddey. — Ele disse que prefere esperar para ficarmos noivos depois do EED, porque assim eu poderei sentir quanto ele me ama quando me pedir em casamento.

— Ai, meu Deus, essa é a coisa mais romântica que eu já ouvi! Não acredito! Ele é lindo, está disposto a assumir um compromisso e é romântico! Você tem *ideia* de como isso é raro? Todos os caras com quem eu saio ou têm fobia de compromisso ou são mentirosos, ou as duas coisas. Você é tão sortuda! É esse seu cabelo. Os homens são loucos por um cabelo vermelho. Talvez eu devesse pintar o meu de vermelho também. — Ela franziu a testa. — Você ainda não me disse por que não quer que eu conte a ninguém.

— Por causa da minha família. Ainda não sei como dar a notícia.

— E você acha que eles não vão ficar felizes? O Trent é perfeito! Tem um ótimo emprego e um bom carro, e aqueles idiotas com quem a sua irmã Kathleen namora... Ou é o EED? Todo mundo diz que é absolutamente seguro.

— Pois é — disse Briddey. — Mas elas são um pouco...

— Superprotetoras?

Não, xeretas e intrometidas.

— Isso. Então não fale nada até eu conversar com elas, o.k.?

— Só se você me contar todos os detalhes! Quero saber quando vocês vão fazer e...

O celular de Briddey tocou. Era o toque de Trent, mas isso não significava que era ele ligando. Na última vez em que visitara sua família, Maeve tinha feito algo com seu celular e agora metade das vezes que parecia que era Trent na verdade não era, e Briddey ainda não conseguira consertar isso.

Mas pelo menos era uma forma de fugir da conversa.

— Desculpe — disse a Jill. — Preciso ver quem é. — Então olhou para a tela. — Vou ter que atender. — Em seguida abriu a porta da sala de xerox e saiu para o corredor. — Você promete que...

— Serei um túmulo — garantiu Jill. — Mas você precisa prometer que vai me contar *tudo*.

— Pode deixar. — Briddey virou de costas para Jill não ver que tinha desligado, então levou o aparelho à orelha e disse: — Alô?

Depois caminhou a passos largos pelo corredor até sumir de vista.

Enfiou o aparelho de volta no bolso e arrependeu-se na mesma hora quando viu Phillip, da Logística, se aproximando.

— Fiquei sabendo pela rádio-corredor que você e Trent Worth vão fazer um EED — disse ele.

Como é possível?, pensou Briddey. *Só tem dez segundos que me afastei da Jill.*

— Uau! Igual ao Tom Brady! — dizia Phillip. — Parabéns! Isso é ótimo! Mas espero que vocês só façam isso quando seu namorado tiver uma ideia melhor para o novo celular do que apenas mais memória e uma tela inquebrável. Dizem os boatos que a Apple vai lançar um aparelho que vai arrasar com todos os outros smartphones, e Trent não pode se dar ao luxo de ficar internado em um hospital...

— O EED é uma cirurgia simples — começou Briddey, mas Phillip também não parecia estar ouvindo.

— Se não tomarmos cuidado, a Commspan pode ser a próxima Nokia — disse ele, emendando em todo um discurso sobre os fracassos das empresas de smartphones. — Uma pequena empresa como a nossa não tem chance no mercado a menos que crie algo revolucionário, um conceito totalmente novo, e precisamos inventar isso rápido, ou...

Vamos lá, tia Oona, pensou Briddey. *Você me liga a cada cinco minutos. Onde está você quando eu preciso?*

O celular de Briddey tocou. *Obrigada*, pensou suspirando.

— Preciso atender essa ligação no meu escritório — disse ela. — Vejo você na reunião às onze.

Em seguida se afastou.

Mas não foi tia Oona que a salvara. Fora Mary Clare, e assim que Briddey desviou a ligação para a caixa postal, recebeu uma mensagem de texto de Maeve: “Estou bem. Não dê atenção à minha mãe”.

O que significava que elas ainda não sabiam de nada, graças a Deus, embora tenha ficado com pena de Maeve. O que teria sido dessa vez? Videogames? Bulimia? Cyberbullying? Mary Clare estava sempre em um estado constante de histeria por causa da filha, ainda que Maeve fosse uma menina de nove anos completamente normal.

Na verdade, ela é a única pessoa normal da minha família, concluiu Briddey.

Mary Clare certamente não era normal. Tinha uma preocupação obsessiva com as lições de casa de Maeve, suas notas, as chances da garota entrar para uma das melhores faculdades, seus amigos, os hábitos alimentares (Mary Clare estava convencida de que a filha era anoréxica), e o fato de que ela não lia o suficiente, embora (ou provavelmente por esse motivo) Mary Clare forçasse constantemente *Mulherzinhas* e *Alice no País das Maravilhas* para cima dela.

Na semana anterior, Mary Clare estava convencida de que Maeve enviava mensagens de texto demais, e na outra, de que estava comendo muito cereal com açúcar (o que não se encaixava exatamente no quadro de anorexia). Naquele dia provavelmente o problema eram nudes. Ou o hantavírus.

Para o bem de Maeve, era melhor que Briddey ligasse logo para Mary Clare e tentasse acalmá-la, mas não até pensar no que diria sobre o EED. E ela não tinha muito tempo. Metade da Commspan provavelmente já sabia àquela altura, e alguém acabaria contando à tia Oona na próxima vez que ela “aparecesse” com Maeve na empresa para exibir a garota com o novo traje de sapateado e tentar convencer Briddey a ir a algum evento entediante das Filhas da Irlanda...

Ai, meu Deus, e lá vinha Suki, a Gossip Girl, saindo da sala do RH. Briddey mandou o decoro para o espaço e correu até o conforto de seu escritório. Abriu a porta e se atirou lá dentro... praticamente nos braços de sua assistente.

— Achei que você não fosse chegar nunca — disse Charla, ajudando-a a se equilibrar. — Você tem um milhão de mensagens, e quero ouvir tudo sobre ontem à noite! Você tem *tanta* sorte de fazer um EED!

Mais rápido que uma bala, pensou Briddey. *Se a Commspan queria criar uma forma revolucionária de comunicação, devia projetar um celular baseado na rede de fofocas da empresa.*

— Eu não vi o seu carro na garagem.

— Nate me deu uma carona. Queria convencê-lo a fazer um EED. Seria ótimo *saber* se ele me ama de verdade ou não. Você tem tanta sorte por não precisar mais se preocupar com essas coisas. Quer dizer, sempre que ele me diz isso, eu fico tentando descobrir se é para valer ou se ele só fala por falar. Ontem à noite, ele...

— Você disse que eu tinha mensagens. De quem?

— A maioria da sua irmã Mary Clare, e também da sua tia e da sua outra irmã. Passei todas para o seu computador. Achei que tivesse pedido a elas que não ligassem para você no trabalho.

— E pedi — disse Briddey. *Mas elas não me ouviram. Como sempre.* — Você falou com elas? — perguntou, temendo a resposta de Charla, mas a assistente balançou a cabeça.

Graças a Deus.

— Se elas ligarem de novo — continuou Briddey —, não diga, repito, *não* diga nada sobre o EED. Ainda não tive chance de conversar com elas, e quero que saibam por mim.

— Elas vão ficar tão animadas!

Quer apostar?

— De quem são as outras mensagens? — perguntou Briddey.

— Trent Worth ligou e pediu para você retornar assim que chegasse, e Trish Mendez e a assistente de Rahul Deshnev também. E Art Sampson quer que você dê uma olhada imediatamente no memorando sobre as formas de melhorar a comunicação interdepartamental e diga se tem alguma sugestão a acrescentar. Está no seu computador. Mas e aí, quando Trent lhe pediu para fazer o EED, você ficou emocionada?

— Fiquei — disse Briddey. — Se alguém mais chegar ou ligar, diga que só posso falar com eles depois da reunião.

Então entrou em sua sala, fechou a porta e ligou para Trent. Ele não atendeu.

Ela mandou uma mensagem de texto e uma de voz pedindo que ele retornasse, depois tentou falar com a assistente de Rahul Deshnev, mas o resultado foi o mesmo. Então ligou para Trish Mendez.

— É verdade que você e Trent Worth vão fazer um EED? — perguntou Trish.

— É — respondeu Briddey, concluindo que a comunicação interdepartamental não precisava de nenhuma melhoria.

— Isso é maravilhoso! — disse Trish. — Quando vai ser?

— Não sei. Trent quer que o dr. Verrick faça, e...

— Dr. Verrick? Ai, meu Deus! Ele fez o do Brad e da Angelina, não foi?

— Pois é, então ele tem uma lista de espera bem longa, e não sei quando vamos conseguir uma consulta, muito menos marcar o EED.

— Ele fez o da Caitlyn Jenner também, não foi? — disse Trish. — E da Kim Kardashian, embora não tenha funcionado, porque ela se apaixonou por outra pessoa, não me lembro direito o nome. Ele estava no último filme dos Vingadores.

Aquilo ia levar o dia todo. Briddey segurou o celular perto da mesa e bateu duas vezes com o punho.

— Pode entrar! — gritou ela, e levou o telefone de volta à orelha. — Ouça, tenho que atender uma pessoa agora. Posso ligar para você depois?

Ela desligou e, com uma sensação angustiante de que tudo só ia piorar, verificou as vinte e duas mensagens — correção, trinta e uma — da sua família para ter certeza de que não sabiam de nada. Começou por Mary Clare, para o caso de a irmã ter concluído que Maeve estava possuída por demônios e ter agendado um exorcismo ou algo assim.

Mas não. Mary Clare havia lido um artigo on-line sobre a influência negativa das representações femininas no cinema sobre as meninas, e queria saber se Briddey achava que ela devia impedir a filha de ver filmes na internet.

Boa sorte, pensou Briddey, e então checkou as mensagens de Kathleen, que eram todas alguma variação de “Preciso falar com você sobre o Chad”, o namorado mais recente de uma longa lista de homens detestáveis. As mensagens da tia Oona — com exceção de três “Onde você está, *mavourneen*?” — eram todos lembretes de que Sean O'Reilly planejava ler “The Passing of the Gael” na reunião das Filhas da Irlanda, e que toda a família iria.

Isto é, se não estiverem no meu apartamento tentando me convencer a não fazer um EED, o que tinha certeza de que fariam assim que descobrissem. Não gostavam de Trent, como haviam deixado perfeitamente claro quando ela fora jantar na casa da tia Oona no último sábado.

Mary Clare achava que ele passava tempo demais em seu smartphone (em vez de ouvir suas preocupações sobre Maeve), Kathleen achava que ele era rico e bonito demais para ainda estar solteiro e, portanto, só podia estar escondendo alguma coisa, e até mesmo Maeve, que normalmente apoiava Briddey nas discussões da família, fez uma careta e disse:

— O cabelo dele é muito arrumadinho. Gosto de caras com cabelo bagunçado.

Tia Oona, é claro, rejeitara Trent por não ter vindo da Irlanda, embora ela mesma nunca tivesse posto os pés na “Velha Terra”. Não que desse para saber disso só de olhar para ela. Ou ouvi-la. A mulher falava com um sotaque irlandês carregado saído direto de *As cinzas de Ângela* — ou de um filme antigo do Bing Crosby —, torcia o cabelo ruivo grisalho em um coque meio bagunçado, usava saias largas de tweed e suéteres feitos nas ilhas de Aran tanto no verão quanto no inverno, e colocava um xale sobre a cabeça quando ia às incessantes reuniões das Filhas da Irlanda. “Deve ter uns cem anos que ninguém na Irlanda se veste assim!”, Briddey queria gritar com ela. “E você não é *irlandesa*! O mais perto que você já chegou de um fogo de turfa foi assistindo a *O americano tranquilo* no TCM!”

Mas não teria adiantado nada. Tia Oona simplesmente teria agarrado seu rosário de contas junto ao peito largo, chamaria por são Patrício e a santa mãe de Briddey e imploraria que perdoassem as palavras blasfemadoras da sobrinha,

além de redobrar os esforços para lhe arrumar um bom rapaz irlandês. Como Sean O'Reilly, que tinha quarenta anos, estava ficando careca, e ainda morava com a mãe — que também era uma Filha da Irlanda.

Não quero saber do Sean O'Reilly nem de nenhum dos outros “bons rapazes” mais velhos que tia Oona tentava me empurrar, pensou Briddey. Nem de nenhum dos tipos imprestáveis de Kathleen. É por isso que estou namorando Trent. E é por isso que vou fazer o EED com ele, não importa o que digam.

Briddey tentou ligar para Trent de novo, mas ele aparentemente ainda estava ao telefone. E agora sua caixa de mensagens estava cheia. Ela lhe mandou um e-mail.

Um erro. Quando clicou em ENVIAR, dezenove novos e-mails apareceram em sua tela, quase todos se iniciando da seguinte forma: “Ai, meu Deus, EED! Parabéns!”. Os três que não começavam assim eram da tia Oona (“Precisa checar seu telefone. Há algo de errado com ele” e “Você sofreu um acidente?”) e de Maeve (“Você precisa falar com a minha mãe. Ela não me deixa ver *As doze princesas bailarinas* nem *Frozen*. Ou *Enrolados*, que é meu filme preferido junto com *Hordas de zumbis*!).

Que bom que Mary Clare não sabe que Maeve assiste a filmes de zumbis, ou teria um infarto, pensou Briddey, e seu celular tocou.

— Onde você está? — perguntou Trent. — Estou tentando...

— Oi! — disse ela, exasperada. — Você não tem ideia de como estou feliz em ouvir sua voz. A noite passada foi tão maravilhosa.

— Eu sei — disse ele. — Você não tem ideia de como me deixou feliz.

— E de como seremos felizes quando...

— Ah, por falar nisso... infelizmente tenho más notícias. Liguei para o consultório do dr. Verrick, e a secretária dele disse que só vão poder nos atender por volta de setembro, lá para o fim do verão.

— Bem, nós sabíamos que ele tinha uma lista de espera...

— A secretária disse que até tivemos sorte de conseguir marcar assim *tão* rápido. Alguns pacientes chegam a esperar um ano.

— Tudo bem — disse ela. — Eu posso esperar...

— Bem, *eu* não posso! Isso estraga *tudo*! — explodiu ele. — Me desculpa, eu não queria gritar com você, querida. Só queria que a gente se conectasse *agora* para que eu pudesse... para que você pudesse saber o que estou sentindo...

— Agora suspeito que seja frustração — disse Briddey.

— *Sim!* Estou tentando ver se não há alguma maneira de conseguirmos realizar o procedimento em maio, e, enquanto isso, precisamos preencher a papelada preliminar... Me desculpa, preciso atender uma ligação — disse ele. — Espera um pouquinho. — Sua voz sumiu por um minuto e depois voltou. — Onde eu estava?

— Preencher a papelada preliminar.

— Certo. A secretária dele vai mandar um histórico médico e alguns questionários, e você precisa preenchê-los e entregá-los o mais rápido possível, porque caso surja uma chance de ele nos atender antes, temos que estar prontos. E, enquanto isso, vou pensar no que fazer se Schwartz não aparecer.

— C. B. Schwartz?

— Sim. Ele deveria ter me passado algumas ideias para o novo celular para que eu pudesse apresentar na reunião de hoje, mas mandei vários e-mails nesses últimos dois dias, liguei, e nada, nenhuma resposta. Não sei o que está acontecendo com ele. Na maioria das vezes, mal parece ouvir o que a gente fala. É como se estivesse em outro mundo. Hamilton acha que ele é um gênio, o próximo Steve Jobs ou algo assim, mas *eu* acho que ele é mentalmente instável.

— Ele não é instável — disse Briddey. — Só é um pouco excêntrico. E ele é muito inteligente.

— Tem muita gente maluca e inteligente — disse Trent. — Vamos só torcer para que ele não seja um psicopata e que seja genial o suficiente para nos dar boas ideias para o novo celular, ou estamos mortos. Precisamos ter algo pronto quando a Apple lançar o novo iPhone, e agora isso...

Ele parou de falar, e Briddey imaginou que tivesse recebido outra ligação, mas, alguns segundos depois, ele disse:

— Desculpe, eu não queria descarregar tudo isso em cima de você assim.

— Tudo bem. Eu entendo. Sei que você tem muito em jogo no momento.

Ele riu com aspereza.

— Você não faz ideia...

Ele parou de falar novamente.

— Trent? — chamou Briddey. — Você está aí? O que houve?

— Sinal ruim — respondeu ele. — O que eu estava tentando dizer é que eu quero que tudo... o celular, o EED, tudo seja perfeito para nós, e não suporto a ideia de termos que esperar para ficarmos juntos, realmente juntos. Eu te amo tanto.

— Eu amo v...

— Olha, estão me ligando. Vejo você na reunião. E, antes disso, dê uma olhada no seu e-mail. Mandei uma coisa.

Ele tinha mandado: um buquê virtual de rosas douradas, que se abriam em rosas amarelas exuberantes e, em seguida, se transformavam em borboletas.

Que fofo!, pensou Briddey, vendo-as flutuarem pela tela ao som de “I Will Always Love You”.

As borboletas se transformaram em letras que formavam as palavras: “Agora que você disse sim, nossos problemas acabaram!”.

Tirando eu ter que contar à minha família, pensou Briddey. *Preciso descobrir como fazer isso agora, antes que elas venham ver por que não respondi às mensagens.*